

## Do genérico ao singular: a construção da identidade na pré-escola.

Gabriel Rocha Villaça <sup>1</sup>, Mônica Cintrão França Ribeiro<sup>2</sup>

1. Estudante de IC da Universidade Paulista – UNIP/PIBIC-CNPq; \*villaca.gabriel@outlook.com

2. Professora Doutora e Pesquisadora do curso de Psicologia do Instituto de Ciências Humanas, Universidade Paulista – UNIP/CNPq, São Paulo/SP

Palavras Chave: *psicologia escolar, formação docente, transexualidade.*

### Introdução

Como se forma nossa identidade? O que é “masculino” e “feminino”? Identidade de gênero?! A presente pesquisa tem como tema a construção da identidade de gênero na educação infantil, sua relação com a transexualidade e a vivência desta realidade na escola, através da interlocução dos professores como sujeitos de interação e modificação biopsicossocial, e quiçá, política. A transexualidade se caracteriza pelo sentimento contínuo de uma sensação subjetiva de discordância entre sexo e gênero, ou seja, o sujeito afirma que pertence ao gênero oposto ao seu sexo biológico. Relatos de “transexuais” falam de uma percepção precoce, a partir de 3, 4 anos de idade, de “estar no corpo errado”. A partir da perspectiva de desenvolvimento psicanalítica, a sexualidade e a elaboração dos conflitos resultantes durante a 1ª infância aparece como possível condição para o desenvolvimento posterior da personalidade. E na infância que, aparentemente, o sujeito cria uma relação entre seu eu psíquico, seu eu corporal e seu eu social, procurando significar a si mesmo e o seu redor. A apropriação do eu psíquico se relacionaria, desta forma, com o desenvolvimento tanto do eu corporal quanto do eu social. Marginalizados, “transexuais” são envoltos em sofrimento psíquico. O papel da escola e do professor, como segundo núcleo social, é de promover a interação da criança com o outro, a cultura e si mesmo, respeitando o espaço subjetivo e à singularidade.

Buscamos questionar a relação entre a transexualidade e suas possíveis etiologias, sob uma epistemologia interacionista e não excludente, com particular enfoque sobre o desenvolvimento infantil; investigar o conhecimento dos professores na relação entre a escola e diferenças de gênero na infância, para propor formas de capacitá-los sobre questões relacionadas à sexualidade e gênero, a partir do desenvolvimento da criança e da fala do educador; averiguar qual o papel do psicólogo como mediador na escola, manejando possíveis conflitos interpessoais e intrapessoais.

### Resultados e Discussão

A pesquisa é transversal e qualitativa, sendo o material utilizado na pesquisa constituído de bibliografia com enfoque em psicologia, psiquiatria, pedagogia, psicopedagogia, periódicos científicos, artigos científicos, sites especializados em saúde mental, entrevistas, relatos verbais, observação e desenho. A amostragem foi composta por 5 professores de escola particular da zonal sul da cidade de São Paulo e por alunos desses docentes, compondo 3 salas distintas, na faixa etária de 4 a 6 anos de idade, no total de 26 crianças; a coleta de dados ocorreu com observação em sala de aula e em momentos de recreação, com desenho feito pelos infantes de como eles se veem e questionário semiestruturado aplicado aos professores; a análise dos dados foi feita em categorias, de maneira a contemplar a totalidade dos dados. Foram observados todos os preceitos éticos em conformidade

com a resolução CNS nº196/96, parecer consubstanciado pelo CEP da Universidade nº 632.572.

A partir do que foi coletado, não há sinais, que possam indicar desde o começo do ciclo vital uma possível transexualidade na criança. Todavia, tal entendimento não exclui que existam crianças que apresentem questionamentos quanto a sua identidade de gênero desde tenra idade, assim como quaisquer outras situações. Observando-se que, a questão fundamental é o acolhimento e a compreensão oferecidos a quaisquer ditas “diferenças” que a criança possa vir a apresentar ou verbalizar, não rotulando ou generalizando o infante. Os desenhos apresentaram expressões socioculturais que são possíveis indicativos de categorizações no que tange ao que pode ser compreendido como masculino ou feminino, ainda que durante atividades de sala e brincadeiras as crianças possam se apresentar em papéis ditos de “homem” ou de “mulher” livremente, independentemente do gênero. A fala dos docentes, aparece em alguns momentos, carregada de pré-conceitos e desconhecimento acerca do que seria considerado como pertencente ao desenvolvimento e a padrões sociais binários de gênero, justificando a criação de programas formativos nesta área.

### Conclusões

Não há relação aparente entre uma possível transexualidade na infância, a descoberta da sexualidade e construção da identidade de gênero na criança. O infante se encontra em momento de incorporação e expulsão do outro, de forma a reconhecer, identificar e introjetar a si próprio de maneira livre e sem rótulos. Todavia, é possível que o olhar do adulto sobre o que se compreende como sendo masculino ou feminino, se contraponha à própria vivência e desenvolvimento da criança, imprimindo noções do que se entende como ser homem ou mulher na sociedade. É nesse momento que o psicólogo surge como interlocutor dessas relações, buscando uma suspensão de paradigmas e abrindo espaço para a dialógica do conhecimento.

### Agradecimentos

À professora Doutora Mônica Cintrão França Ribeiro pela confiança e parceria inequívocas;  
A minha esposa Alexandra Henriques Villar Rocha Villaça pela paciência, cuidado e dedicação;  
Aos transformadores de gênero e da educação que ainda lutam por uma sociedade digna e mais humana.

BLEGER, J. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir – história de violência nas prisões**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREUD, S. As aberrações sexuais [1920]. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vii. (p.135-175). Rio de Janeiro: Imago, 1972.